

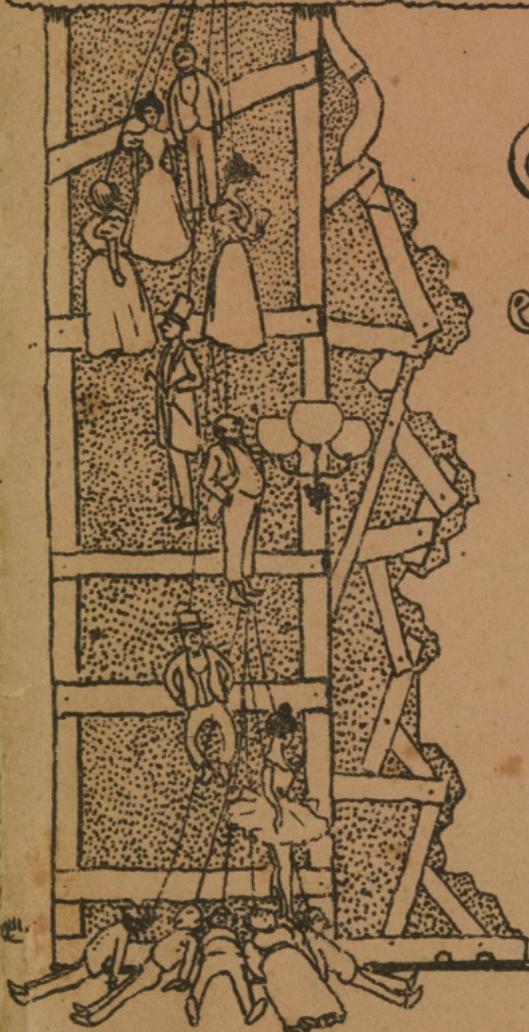
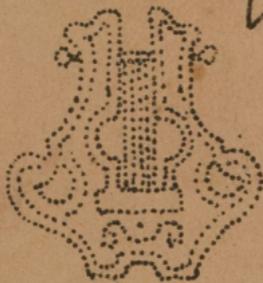


ARTHUR AZEVEDO

O BADEJO

COMEDIA
em 3 ACTOS

em VERSO



FABIO REIS & C^a EDITORES

RUA DA ASSEMBLÉA 75

RIO DE JANEIRO.

O BADIO

→ COMEDIA EM 3 ACTOS, EM VERSO ←

Representada pela primeira vez
no Rio de Janeiro,
no theatro S. Pedro de Alcantara,
no dia 15 de Outubro de 1898,
por iniciativa
do CENTRO ARTISTICO,
pelo corpo scenico do ELITE-CLUB



70
9697
A95
B3
1898

Peças originaes de Arthur Azevedo

- *Amor por annexins*, comedia em 1 acto
- *O anjo da vingança*, drama em 3 actos, de collaboração com Urbano Duarte.
- *O Badejo*, comedia em 3 actos, em verso.
- *O barão de Pituassú*, comedia-opereta em 4 actos.
- *O bilontra*, revista de 1885, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.
- *A Capital Federal*, comedia-opereta em 3 actos.
- *O Carioca*, revista de 1886, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.
- *Cocota*, revista de 1884, em 4 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.
- *Casa de Orates*, comedia em 3 actos, de collaboração com Aluizio Azevedo.
- *A donzella Theodora*, opereta em 3 actos.
- *E mettam-se!* comedia em 1 acto.
- *Entre o vermouthe e a sopa*, comedia em 1 acto.
- *O escravocrata*, drama em 3 actos, de collaboração com Urbano Duarte.
- *A Fantasia*, revista de 1895, em 3 actos.
- *Fritzmac*, revista de 1888, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Aluizio Azevedo.
- *O Homem*, revista de 1887, em 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.
- *O Jagunço*, revista de 1897, em 3 actos.
- *Joanico*, opereta em 1 acto.
- *A joia*, comedia em 3 actos, em verso.
- *Kellar e Fagundes*, entre-acto comico.
- *O Liberato*, comedia em 1 acto.
- *O Major*, revista de 1894, em 1 prologo e 3 actos.
- *O mandarim*, revista de 1883, em 1 prologo e 3 actos de collaboração com Moreira Sampaio.
- *A Mascotte na roça*, comedia em 1 acto.
- *Mercurio*, revista de 1886, em 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.
- *Uma noite em claro*, comedia em 1 acto.
- *Os noivos*, opereta em 3 actos.
- *A pelle do lobo*, comedia em 1 acto.
- *A princeza dos Cajueiros*, opereta em 3 actos.
- *Pum!* opereta em 3 actos e 6 quadros, de collaboração com Eduardo Garrido.
- *Republica*, revista de 1889, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Aluizio Azevedo.
- *O Rio de Janeiro em 1877*, revista em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Lino de Assumpção.
- *O Tribofe*, revista de 1891, em 3 actos.
- *Uma vespera de Reis na Bahia*, comedia-opereta em 1 acto.
- *Viagem ao Parnaso*, revista de 1890, em 3 actos.

As peças com o signal * estão publicadas.



A

Dr. João da Rega Barros

AMIGO DA ARTE E DOS ARTISTAS

O. D. C.

Arthur Azevedo.



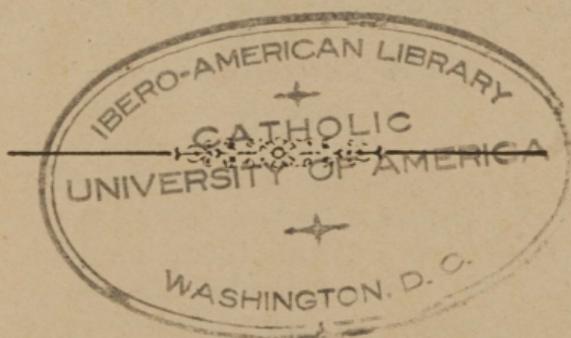
Arthur Azevedo

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETTRAS



BANDIJO

Comedia em 3 actos, em verso



IMPRENSA AMERICANA

Fabio Reis & Comp.—EDITORES

75 — RUA DA ASSEMBLÉA — 75

RIO DE JANEIRO

São reservados todos os direitos, na fórma da lei.

PERSONAGENS

JOÃO RAMOS.....	SR FREDERICO COSTA.
LUCAS.....	» ORLANDO TEIXEIRA.
BENJAMIM FERRAZ.....	» TEIXEIRA JUNIOR.
CEZAR SANTOS.....	» ANTONIO SANTOS.
UM COSINHEIRO.....	» COLOMY CASTELLÕES.
UM COPEIRO.....	» CARLOS DE FREITAS.
AMBROSINA.....	STA. CONSTANÇA TEIXEIRA.
DONA ANGELICA.....	P. OLGA PRUDENTE.

*A scena passa-se no Rio de Janeiro.
Actualidade.*

6318.

O BADEJO



ACTO PRIMEIRO

Sala de visitas, bem mobiliada, em casa de João Ramos. Tres portas ao fundo, dando para o jardim. Uma porta á direita communicando com a sala de jantar e outra á esquerda, dando para os dormitorios. A' esquerda uma meza com albuns, porta-cartões, etc. A' direita um sofá Consolos ao fundo. Piano. Cadeiras.

Scena primeira

JOÃO RAMOS, só.

O almoço com certeza vae custar-me
Uns duzentos mil réis, afóra os vinhos ;
Mas se caso a Ambrosina, ainda é barato,
Porque muito me custa a senhorita.
Das minhas rendas a metade vae-se
Em vestidos, chapéos, leques e luvas,
Espectaculos, bailes e concertos ;
Ella casada, cessam taes despezas ;
E' preciso, porém, que o noivo seja
Um rapaz sério e não nenhum pelintra
Que deseje viver á minha custa :
Peior seria a emenda que o soneto.
Mas não são as despezas que me ralam ;
Não sou unhas de fome, Deus louvado ;
Rala-me a ideia de bater a bota,
E deixar a pequena sem marido,
Exposta sabe Deus a que perigos !
Dirão que metto minha filha á cara
Dos pretendentes ; ora adeus ! que o digam !
A Ambrosina já fez vinte e dous annos :
E' tempo de arranjar-lhe casamento.

Scena II

JOÃO RAMOS, DONA ANGELICA, O COSINHEIRO.

ANGELICA.

Ora aqui tens o nosso cosinheiro.
Desejavas ouvil-o: aqui t'o trago.
Entra, Fabricio.

(O cosinheiro entra).

Quer saber teu amo
O que arranjaste para o almoço. Fala.

O COSINHEIRO.

Não póde ser melhor o meu cardapio.

RAMOS.

Cardapio? Não conheço essa palavra!

O COSINHEIRO.

Foi arranjada pelo Castro Lopes.
Eu não digo *menu*, que é francezismo.

RAMOS.

Temos um cosinheiro litterato!

O COSINHEIRO.

Litterato não sou, mas sou purista;
Embirro com palavras estrangeiras.
Hoje qué tudo se nacionalisa,
Nacionalise-se a cosinha!

RAMOS.

Bravo!

O COSINHEIRO.

Eu, diante do fogão, diante do forno,
Sou até jacobino!

RAMOS.

Jacobino?

Lá como cosinheiro, póde sel-o,
Mas tão somente como cosinheiro,
Pois, comquanto eu viesse com dez annos
Para o Brasil, sou portuguez, entende?
Jacobinos dispenso em minha casa!

O COSINHEIRO.

Sou jacobino apenas cosinhando.

RAMOS.

Pois cosinhando não devia sel-o :
Você é um artista!

O COSINHEIRO.

Eu um artista?

RAMOS.

Sim, um artista da arte culinaria,
E a arte não tem patria!—Porém, vamos...
Diga lá o que temos para o almoço.

O COSINHEIRO,

Em primeiro logar os acepipes.
Hors-d'œuvres não direi nem que me rachem!
Temos uma salada de lagostas.

RAMOS.

Muito boa lembrança. Que mais temos?

O COSINHEIRO.

Sardinhas, azeitonas, rabanetes,
Manteiga fresca...

RAMOS.

E além dos acepipes?

O COSINHEIRO.

Um enorme badejo.

ANGELICA.

Que badejo!

Tão grande nunca vi!

RAMOS.

E está bem fresco?

ANGELICA.

Vivo á casa chegou.

O COSINHEIRO.

Soltou, coitado,
Nas minhas mãos o derradeiro alento!
De camarões uma fritada temos,
Um primor culinario! Tres gallinhas
De cabidella. Espargos em manteiga.
E, para terminar, um bom churrasco.
Sorvetes de cajú, fructas á ufa,
Queijo do reino, requeijão de Minas,
Baba de moça e doce de laranja.
Se não satisfizer este cardapio,
Que a espada de Vatel me arranque a vida.
A' excepção dos espargos e do queijo,
O meu almoço é todo brasileiro!

RAMOS.

Mas a vinhaça é toda portugueza :
Bucellas para acompanhar o peixe,
Depois Collares da viuva Gomes,
Vinho do Porto para a sobremeza
E duas garrafinhas de champagne
Da marca Assis Brasil.

O COSINHEIRO.

Estou contente,
Pois vejo que o Brasil tambem figura
Muito embora n'um rotulo.

ANGELICA.

E os licores?

RAMOS.

Deve ter vindo do armazem do Castro
Uma garrafa de Benedictinos.

(Ao cosinheiro).

Bom. Póde retirar-se, — e se o almoço
Ao meu gosto estiver, conte commigo.

O COSINHEIRO.

Nenhuma recompensa mais desejo
Que salvar os meus creditos de artista...

RAMOS.

Da arte culinaria. Vá s'embora.

(O cosinheiro vae se retirando).

E' verdade. Ouça cá. Diga ao copeiro
Que se apresente, p'ra servir a meza,
Encasacado e de gravata branca.

(O cosinheiro sae).

Scena III

JOÃO RAMOS, D. ANGELICA.

ANGELICA.

Espero agora que afinal me contes
A historia deste almoço.

RAMOS.

E' muito simples.

Lembras-te que no baile do Cassino,
O Cezar Santos, moço encaminhado,
Com porcentagem n'uma casa forte,
Namorou nossa filha á redea solta ?

ANGELICA.

E depois desse baile, muito embora
Nós moremos tão longe da cidade,
Muitas vezes nos passa pela porta,
E até parado fica ali na esquina.

RAMOS.

Muito bem. Dize mais : não te recordas
Que, quando fomos ao theatro Lyrico,
Ao beneficio da Maragliano,
O Benjamim Ferraz, que é moço rico,
Estava na plateia e não tirava
Do nosso camarote os olhos languidos ?
E acabado o espectáculo, correndo
Postou-se á porta pela qual sahimos,
E suspirou quando passou por elle
Ambrosina ?

ANGELICA.

Um suspiro escandaloso,
De olhos voltados e de mão no peito!

RAMOS.

E elle não passa pela rossa porta ?

ANGELICA.

Todas as tardes passa embora chova.
O outro passa de bonde e este a cavallo.

RAMOS.

Pois eu, sabendo dessas passeatas,
Embora tu não me disseses nada,
Como os achei á mão, ambos, ante-hontem,
Por mero accaso, na confeitaria,
Fil-os sentar-se á meza em que eu me achava,
Paguei-lhes o vermouthe, apresentei-os
Um ao outro, mostrei-me muito amavel,
E lembrei-me afinal de conyidal-os
Para almoçar comnosco hoje, domingo.

ANGELICA.

Porém com que intenções os convidaste ?

RAMOS.

Minha amiga, bem sabes que os bons noivos
Difficilmente conquistar se pódem
Vendo-os passar no bonde ou no cavallo ;
E' preciso attrahil-os; casamentos,
E' de portas a dentro que se arranjam.
Se teu pae não me houvesse convidado
Para jantar na casa delle um dia,
Por signal que era o dia dos teus annos,
Talvez não nos casassemos tão cedo ;
Mas convidou-me e, por cautela, á mesa,
Ao lado teu me fez ficar sentado.
Quando veio o Perú, eramos noivos ;
Tratavas-me por tu á sobremeza ;
Um mez depois estavamos casados,
E dez mezes depois eramos tres !

ANGELICA.

Mas meu pae convidou-te a ti somente,
E tu a dois convidas . . .

RAMOS.

O que abunda
 Não prejudica, diz o velho adagio.
 Teu pae não era tolo, minha amiga,
 Apesar de ter sido sapateiro,
 E se não estava outro mancebo á mesa,
 E' que não tinhas outro namorado...

ANGELICA, *rindo*.

Sabes tu lá se o tinha ou se o não tinha !

RAMOS.

Com este almoço dois coelhos mato
 De uma só cacheirada !

ANGELICA.

E's economico !
 Para dous namorados, dois almoços !

RAMOS.

Se fossem vinte, vinte almoços ? Boas !
 — Collocada a Ambrosina entre os dois jovens,
 Escolher poderá muito á vontade.

ANGELICA.

Mas é preciso prevenil-a disso.

RAMOS.

Justamente ella ahi vem. Vamos falar-lhe.

Scena IV

JOÃO RAMOS, D. ANGELICA, AMBROSINA.

AMBROSINA.

A bençam, papae ? Bom dia !

RAMOS.

Deus te abençõe, minha filha.
Mas como tu vens casquilha!
Ha muito que não te via
Tão enfeitada e catita!

AMBROSINA.

Oh! Admira-se? Entretanto,
Hontem papae pediu tanto
Que me fizesse bonita!
Vê como estou imponente?
Que tal acha o meu vestido?

RAMOS.

Muito espantado.

AMBROSINA.

Duvido
Que papae diga o que sente.

RAMOS.

De modas eu não entendo;
Sou ferragista, e asseguro
Que tenho juiso seguro
Sobre o que compro e o que vendo.
Quando alguém conhecer queira
A qualidade de um prego,
As minhas luzes não nego,
Posso falar de cadeira;
Mas quanto a farandulagens,
Fitinhas, laços, teteias,
Sou muito curto de ideias!
Cá commigo é só ferragens!
—Mas, minha filha, acredita,
Quando o contrario supponhas:
Com qualquer trapo que ponhas,
Acho-te sempre bonita.

(Dá-lhe um beijo).

Bom. Temos que conversar
Sobre outro assumpto, faceira.
Senta-te n'esta cadeira;
Entre nós dous vaes ficar.

(Colloca tres cadeiras no proscenio; a do centro para Ambrosina, a da direita para Angelica, e a da esquerda para si. Sentam-se todos tres. Pausa).

Fala, Angelica!

ANGELICA.

Ora essa!

Fala tu!

RAMOS.

Tu!

ANGELICA.

Tu!

RAMOS.

Mulher,

Olha que eu não sei sequer
Por onde é que se começa!

AMBROSINA.

E' coisa grave?

RAMOS.

Oh! bem grave!

ANGELICA.

Anda! E' o principio que custa!

AMBROSINA.

Tanta hesitação me assusta!

RAMOS.

Não é nada que te agrave:
Trata-se de casamento.

AMBROSINA.

De casamento ?

RAMOS.

E' verdade!

(Embaraçado e muito commovido).

Menina, chegaste á idade...
Chegaste ao feliz momento...
A felicidade tua
E' o nosso constante fito,
E nós...

(Passando os dedos nos olhos).

Lagrimas?... Bonito!...

(A Angelica).

Agora tu continúa.

ANGELICA.

Valha-te Deus! que maricas!
Por qualquer coisa tu choras!
Vamos! basta de demoras!

RAMOS.

Eu..._tu... eu...

ANGELICA.

Vê_em que ficas!

(Arremedando-o).

Eu... tu... eu...

RAMOS.

Então que queres?
Nem eu ousa, nem tu ousas!
Fala tu: para estas cousas
Tem mais talento as mulheres!

ANGELICA.

Minha filhinha, teu pae
Convidou para um almoço
Aquelle moço...?

AMBROSINA.

Que moço?

RAMOS.

Dize-lhe o nome.

ANGELICA.

Lá vae:
O Cezar Santos...? Aquelle
Que toda a tarde passeia
No bonde das cinco e meia...?

AMBROSINA.

Sei quem é.

RAMOS.

Tu gostas delle?

AMBROSINA.

Eu não gósto nem desgósto...

ANGELICA.

E foi tambem convidado
Aquelle outro namorado...?
Quem é já sabes, aposto!

RAMOS.

Dize o nome!

ANGELICA.

Espera lá!

— Ou falas tu ou eu falo! —

RAMOS.

Bom.

ANGELICA.

Aquelle do cavallo?

RAMOS, *fingindo que está montado a cavallo.*

Hein? Patati, patatá!

AMBROSINA.

O Benjamim?

ANGELICA,

Justamente:

O Benjamim.

RAMOS.

Desse gostas,
Ou não gostas nem desgostas?

AMBROSINA.

Sim... não... E'-me indifferente!...
Ambos á casa hoje vêm,
P'ra que eu escolha...?

RAMOS.

De certo.

Examina-os bem de perto;
Vê qual dos dois te convem.

AMBROSINA.

Oh! nenhum delles me traz
A' vida novos encantos...

RAMOS.

Sim ?

AMBROSINA.

Nem o tal Cezar Santos,
Nem o Benjamim Ferraz.

ANGELICA.

Mas tu gostas de outro ?

AMBROSINA.

Não.

Não acho quem me captive ;
Até hoje nunca tive
Cuidados no coração.
Quando o Cezar Santos passa,
E eu estou accaso á janella,
Não fujo... não saio della...
Elle sorri... Acho graça...
Faz mal que eu tambem sorria?...
Namôro?... talvez que o seja ;
Mas nisso amor ninguem veja...
Quando muito é sympathia.

ANGELICA.

Filha, lá disse o poeta :
"Sympathia é quasi amor"...

RAMOS.

Pois seja o poeta quem fôr,
Disse uma asneira completa !
Não foi Camões com certeza !

ANGELICA.

Foi Casemiro de Abreu.

RAMOS.

Uma tolice escreveu;
Digo-o com toda a franqueza!

AMBROSINA.

Quando passa o Benjamim,
Montado no seu cavallo,
E, sem tenção de esperal-o,
Vejo-o sorrir para mim,
Eu lhe sorriu tambem...
Mas... que exprime este sorriso?
Que com elle sympathiso...
E papae diz muito bem:
Não é este sentimento
Um quasi amor. Que esperança!
Minh'alma livre descança,
Descança o meu pensamento!
Não me persegue o desejo
De os ver passar pela porta.
E quando os vejo, que importa?
Que importa quando os não vejo?
Se papae julga qué devo
Desde já mudar de estado,
Antes que tenha falado
Meu coração, não me atrevo
A contrarial-o, oh! não!...
Mas entre os dois pretendentes,
Ambos pessoas decentes,
Não faço a menor questão.

RAMOS, *erguendo-se.*

Bravo!

(Ambrosina e Angelica tambem se erguem).

AMBROSINA.

Papae, se quizer
Estude, examine, escolha;
Mas permitta que eu me encolha...

RAMOS.

Qualquer te serve?

AMBROSINA.

Qualquer.

(Lucas entra como um raio. Sorpreza geral. Alegria).

Scena V

JOÃO RAMOS, D. ANGELICA, AMBROSINA, LUCAS.

LUCAS.

Que Deus esteja nesta casa!

TODOS, *contentes.*

O Lucas!

LUCAS.

O Lucas, sim, que, sem mandar aviso,
Abalou de São Paulo hontem cedo,
Passou parte da noite n'um theatro,
Dormiu no Grande Hotel, onde espichado
Na cama, reflectiu:—De manhan cedo
Tomo o meu banho, faço a minha barba,
E ao palacete vou do velho Ramos
Causar uma surpresa áquella gente.
Como é domingo, encontro o velho em casa
E chego a tempo de papar-lhe o almoço.

RAMOS.

Fizeste bem, rapaz, mas que diabo!
Devias começar por abraçar-nos...

(Abraçando Lucas).

Assim!—aperta-me estes velhos ossos!

LUCAS.

As saudades são tantas, que receio
Esmagal-o!

RAMOS.

Esmagar-me? Então tu julgas
Que assim se esmague um portuguez valente?

ANGELICA, *abrindo os braços.*

Eu tambem quero o meu abraço!

LUCAS.

E' justo.

ANGELICA.

Mas vê lá : não me esmagues!

LUCAS.

Oh! descance!

Muito bem sei como se abraçam damas!

(*Abraça-a*).

ANGELICA.

Agora, abraça a tua irman de leite.

LUCAS.

Ambrosina! Meu Deus! n'estes tres annos
Que differença fez!

RAMOS.

Desenvolveu-se...

Deitou corpo... cresceu...

LUCAS.

Que differença!

Deixo um fedelho e encontro uma senhora,
E mais linda que um anjo! Isto é possivel!...

ANGELICA.

Bem sabes que ella tem a tua idade!

RAMOS.

Abraça-a, vamos!

LUCAS.

Não! eu não me atrevo!
Na minha idade já se não abraçam
Moças da minha idade. . .

ANGELICA.

Ora que tolo!

LUCAS.

Só n'um jogo de prendas, por sentença!

AMBROSINA.

Sou tua irman.

LUCAS.

E's minha irman de leite.
Essa irmandade não me impediria
De casar-me contigo. . .

(*Comicamente cerimonioso*).

Emfim, senhora,
Como de vossa exc'llencia os paes ordenam,
Venha esse abraço!

AMBROSINA, *lançando-se nos braços delle.*

E esmaga-me, se queres!
— Como está mamãesinha?

LUCAS.

Boa e fera;
São seu unico mal saudades tuas.
Mandou-te umas lembranças de São Paulo.

ANGELICA.

E' sempre a mesma tua mãe!

LUCAS.

Coitada!

Não quiz que eu viesse ao Rio de Janeiro,
Sem coisinhas trazer para Ambrosina;
E durante a viagem vim comprando
Tudo quanto se encontra no caminho:
Queijos de Itatiaya e Campo Bello,
E bejús de Belem. Essas lembranças
Lá estão no Grande Hotel.

RAMOS.

Porque motivo

Não vieste hospedar-te em nossa casa?
Pois não sabes que é teu tudo que é nosso?

LUCAS.

Bem sei, mas receiava incommodal-os.

TODOS.

Oh!

LUCAS.

Demais, moram longe da cidade,
E eu a negocio vim, não a passeio.

RAMOS.

E a casa como vae?

LUCAS.

De vento em popa!

Se a coisa proseguir como tem ido,
Eu serei, n'um futuro não remoto,
Quasi tão rico como o velho Ramos!

(Dá uma pequena pancada no ventre de Ramos).

RAMOS, rindo.

O velho Ramos não é rico.

LUCAS.

E' rico ;
Mas tem o sestro de dizer que é pobre,
Porque receia que lhe peçam chelpa.

RAMOS.

Que grande malcriado me sahiste!

LUCAS.

Mas que me importa a mim o velho Ramos?
Bem se me dá que seja rico ou pobre !

(Tomando ambas as mãos de Ambrosina).

Quem me interessa és tu, és tu somente,
Minha querida irman, que tanto prezo !

(Com certa hesitação na voz).

Então ? quando se faz este casorio ?
Já debes ter um noivo, ou, pelo menos,
Um namorado, ou dois. . . Com esses olhos,
E essa bocca de fada, e esta *elegancia*,
E este pae, apezar de não ser rico,
Deves ter pretendentes aos cardumes !

AMBROSINA.

Tenho dous namorados.

LUCAS, *com um sorriso forçado.*

Dous apenas ?

AMBROSINA.

Póde ser que outros haja, mas ignoro.

RAMOS.

Não podias chegar mais a proposito :
Hoje vêm ámbos almoçar connosco.

AMBROSINA.

Convidou-os papae, para que eu possa,
Depois de examinal-os bem de perto,
Escolher o que deva ser meu noivo ;
Mas eu já disse que nem de um nem de outro
Faço questão, e escolho qualquer delles.

LUCAS.

Que singular philosophia a tua !
— Mas quem são esses dous rivaes famosos ?

RAMOS.

O Benjamim Ferraz e o Cezar Santos.

LUCAS.

Não conheço.

RAMOS.

Vaes vei-os dentro em pouco.

São dous typos um do outro bem diversos.
O Cezar Santos, guarda-livros habil,
Interessado está n'uma das casas
Mais importantes desta praça ; é moço
Ajuisado, reflectido e serio ;
Tem feito economias, e de parte
Já poz alguns vintens ; possui dois predios.
O Benjamim Ferraz é muito rico :
Herdou dos paes e ainda ha de herdar dos tios,
Que fazendeiros são. Monta a cavallo,
Veste-se muito bem, e desconfio,
Pela sua maneira de exprimir-se,
Que litterato elle é nas horas vagas.

LUCAS.

E nas que não são vagas esse moço
Em que se occupa?

RAMOS.

Ora essa é boa ! occupa-se
Em ter muito dinheiro. Eu não conheço
Melhor occupação.

LUCAS.

Prefiro o outro.

(*Mudando de tom*).

E por amor do guarda-livros habil
E do janota que tão bem se exprime,
Temos então almoço ajantarado?

RAMOS.

Lagostas... um badejo... uma fritada...
Gallinhas... um chorrasco... espargos, fructas,
Sorvetes, queijos, doces e mais doces,
E Bucellas, Collares e Champagne!

LUCAS.

Não ha que ver : tirei a sorte grande!
Eu vim ao cheiro de uns modestos bifés,
E caio em plenas bodas de Camacho!
Não esperava tanto!

RAMOS.

Vae, Angelica,
Dar uma vista de olhos á cozinha,
E manda pôr mais um talher á mesa,
E vê lá se o copeiro poz casaca.

ANGELICA.

E tu, anda buscar na adega os vinhos.

(*Sae*).

RAMOS.

Tens razão. Já lá vou. Cá tenho a chave.

(*A Lucas*).

Quando ha comes e bebes n'esta casa,
Ella trata dos comes e eu dos bebes.
Bom. Até logo. O' minha filha, fica
Fazendo companhia ao nosso Lucas.

(*Sae*).

Scena VI.

AMBROSINA, LUCAS.

LUCAS.

Com que então, vaes casar ?

AMBROSINA.

Mas vê como estou fria...

Oh! pelo gosto meu mais tempo esperaria ;
Porém papae não pensa infelizmente assim,
E, pelos modos, quer ficar livre de mim.

LUCAS.

Não creias que teu pae de ti livrar-se queira :
Tem medo de morrer deixando-te solteira, —
E' o que é. A intenção é boa ; apenas, eu
Me parece que o peor processo elle escolheu.
O tal Cezar e o tal Benjamin vão pensar
Que o João Ramos a filha á força quer casar ;
Mais prudente seria esperar que viesse
O noivo e não chamal-o á casa, me parece.

AMBROSINA.

Tens razão.

LUCAS.

Não se mette á cara de ninguem
Noiva que, como tu, tanto attractivo tem.

AMBROSINA.

Isso é bondade tua.

LUCAS.

E se ao velho não falo
Deste modo, é porque não quero apoquental-o.
Tu bem sabes de quanto eu lhe sou devedor:
Elle foi para mim um grande protector,
Tão amigo, tão bom, tão desinteressado,
Que um altar tem cá dentro e é para mim sagrado.

Nas tristes condições em que eu ao mundo vim,
 Se não fosse teu pae, que seria de mim?
 Quando nasci, o meu já estava morto a mezes;
 Minha mãe a miseria, a fome algumas vezes
 Soffreu, mas resistiu. Tu nascêras tambem;
 Adoeceu tua mãe; era preciso alguém
 Que as vezes lhe fizesse, e a minha então, coitada,
 Que era pobre, tão pobre, e pobre envergonhada,
 Sosinha neste mundo, ao Deus dará, sem pão,
 Precisava de alguém que lhe estendesse a mão...
 E foi, como faria uma africana escrava,
 Comtigo dividir o leite que eu mamava.

AMBROSINA.

Pobre da mamãesinha!

LUCAS.

Eu fui muito feliz,
 E ella tambem: teu pae meu pae fazer-se quiz.
 Nem eu nem minha mãe sahimos desta casa
 Que nos cobriu a nós como de um anjo a aza.
 Quando cresci, o velho á escola me enviou
 E depois no commercio emprego me arranjou.
 Para São Paulo fui. Sou quasi independente.
 E a quem o devo? A elle... a elle unicamente.

AMBROSINA.

De nada valeria o muito que te fez,
 Se tu não fosses bom.

LUCAS.

Não seria, talvez,
 Tão bom, se elle não fosse a bondade em pessoa.
 Isso é o que me fez bom, e isso é o que te fez boa.
 — Mas falemos dos dous namorados. Teu pae
 Quer que escolhas; pois bem: examinal-os vae
 Minuciosamente, e um dos dous com certeza
 Preferirás ao outro ao sahirmos da meza.
 Está dito?

AMBROSINA.

Pois sim.

LUCAS.

Por meu lado, eu tambem
Verei dos dous qual seja o que mais te convem.

Scena VII

AMBROSINA, LUCAS, JOÃO RAMOS, D. ANGELICA.

RAMOS.

Prompto ! podem chegar os convidados !
No aparador alinham-se as garrafas,
E o diabo do copeiro, de casaca,
Parece até um cidadão conspicuo !

ANGELICA.

Que bonito badejo ! é o rei da festa ! . . .

RAMOS.

Custou-nos vinte e cinco bagarotes
No Mercado ; não póde ser, portanto,
Um peixinho de pouco mais ou menos .

(Esfregando as mãos).

Não tardam por ahi os dous rapazes.

LUCAS.

Elles que venham, porque estou com fome !

(Toque de campainha electrica).

RAMOS.

Falae no mão . . .

(Indo ao fundo e falando para fóra).

O' senhor Cezar, entre!

(Entra Cezar Santos cerimoniaosamente).

Scena VIII

AMBROSINA, LUCAS, JOÃO RAMOS, D. ANGELICA,
CEZAR SANTOS.

CEZAR.

Minhas senhoras... senhor Ramos... Creio
Que esperar não me fiz por muito tempo.

RAMOS.

Pontualissimo foi, foi cavalheiro.

(Apresentando).

Minha mulher.

CEZAR.

Minha senhora, folgo
De conhecê-la.

ANGELICA.

E eu igualmente folgo.
Faça favor.

*(Toma-lhe o chapéo e a bengala, que vae collocar
sobre um movei, ao fundo).*

RAMOS, *mostrando Ambrosina.*

E' minha filha. O amigo
Ha muito que a conhece. Já com ella
Dansou n'um baile do Cassino.

CEZAR.

E' exacto.
Foi uma honra que esquecer não pude,
Pois me deixou recordações bem doces.

AMBROSINA, *comprimentando.*

Agradecida.

RAMOS.

O meu amigo Lucas.

Quasi meu filho... Um filho malcreado,
Que ao pae não tem o minimo respeito,
E lhe dá piparotes na barriga!
Mas é um heróe! — tem só vinte e dous annos
E é já negociante conceituado
Na praça de São Paulo!...

CEZAR.

Cavalheiro,
Consinta que lhe aperte a mão.

LUCAS.

Não creia
No que lhe está dizendo o senhor Ramos.
Como lhe devo a posição que occupo,
E' muito exagerado a meu respeito,
Para dar mais valor ao seu trabalho.

CEZAR.

As coisas como vão lá por São Paulo?

LUCAS.

Que coisas?

CEZAR.

Os negocios. Interessa-me
O commercio, e de nada mais cogito.

LUCAS.

Os negocios vão bem.

CEZAR.

Não me parece ;
A baixa do café tem sido o diabo,
E esperanza não ha de que tão cedo
Elle suba,

(A Angelica).

não acha vossa exc'llencia?

ANGELICA.

- Senhor, eu não entendo dessas coisas ;
Só sei que tudo está bem caro agora,
E que um badejo, que custava d'antes
Dez mil réis, quando muito, agora custa
Vinte e cinco mil réis !

CEZAR.

A carestia
Faz com que o povo soffra e soffra muito ;
Mas o commercio soffre mais que o povo.
Na nossa praça a crise está medonha ;
Muitas casas estão arreventadas ;
O cambio esteve a cinco, é bem verdade,
E subiu depois disso a sete e meio,
Mas de novo tem ido para baixo,
E não ha confiança nos effeitos
Do plano financeiro do governo.
Não acho que endireite a nossa praça,
Emquanto a taxa não subir a doze,
Pelo menos.

(*A Ambrosina*).

Não acha vossa exc'llencia ?

AMBROSINA.

Eu nunca pude perceber o cambio.

CEZAR.

Pois eu lhe explico : o cambio representa . . .

RAMOS.

E eu que não lhe offereço uma cadeira ?
Faz favor de sentar-se ? Então ? Sentemo-nos !
Tanto se paga em pé como sentado !

(*Sentam-se todos*).

Mas sobre outros assumptos conversemos,
E deixemos tranquilos os negocios.
Estes bellos domingos foram feitos
P'ra que a gente se esqueça da semana.

CEZAR.

Pois assumpto não ha que mais me agrade
Do que cambio, café, preços-correntes. . .

RAMOS.

Qual! isso é bom lá para baixo. Em casa
Gosto de ouvir falar de frioleiras.

LUCAS, *baixo a Ambrosina.*

Desconfio que o noivo não te serve.

RAMOS.

Eu sou negociante de ferragens,
E, por meu gosto, não teria em casa
Nem trincos, nem martellos, nem argolas,
Nem pontas de Pariz, nem dobradiças,
Nem nada que lembrasse o meu commercio.
Quando aos domingos eu me sento á mesa,
Desgostam-me os talheres, acredite,
Porque os tenho na loja; na cosinha
Não entro só para não ver panellas!
Causam-me horror grelhas e caçarolas!

ANGELICA.

E a historia do canario?

RAMOS.

Ah! é verdade!
Lembras-te ainda? Estavamos casados
Havia um mez, se tanto. O pae da Angelica
Um canario mandou-lhe de presente.
Ella estimava-o. Muito bem. Pedi-lhe
Um bello dia que o mandasse embora!

CEZAR.

O canario não era ferramenta !

RAMOS.

Não, mas era preciso dar-lhe alpiste,
E o alpiste n'aquelle tempo — sabe? —
Vendia-se nas lojas de ferragens.

(Novo toque de campainha electrica).

ANGELICA.

Tocaram.

RAMOS, *erguendo-se.*

Bom ! é elle com certeza !
E' o Benjamin Ferraz !

(Vae ao fundo e fala para fóra).

A casa é sua.

(Erguem-se todos. Entra Benjamin Ferraz).

Scena IX

AMBROSINA, LUCAS, JOÃO RAMOS, DONA ANGELICA, CEZAR
SANTOS, BENJAMIM FERRAZ, depois UM COPEIRO.

BENJAMIM.

Minhas senhoras . . . cavalheiros . . . peço
Mil perdões por chegar um pouco tarde.
Foi do meu alfaiate a culpa inteira.
Uma porção de tempo estive á espera
De uma sobrecasaca que não veio.

LUCAS, *aparte.*

Começa mal . . .

BENJAMIM.

Esta já tem tres mezes,
 E já não está na moda; os figurinos
 Sobrecasacas apresentam hoje
 Fechadas mais em cima, e mais compridas,
 Dando pelo Joelho. Quando eu entro
 Pela primeira vez em qualquer casa,
 Com toda a correcção quero ser visto;
 Todas as regras sei do *savoir-vivre*.

(*A Angelica*).

Depois deste cavaco indispensavel,
 Permitta, excellentissima senhora,
 Que lhe offereça a rosa mais bonita
 Que esta manhan no meu jardim banhavam
 As lagrimas do orvalho matutino.
 A rainha das flores symbolisa
 A rainha do lar, a esposa honesta,
 A carinhosa mãe!

RAMOS, *aparte*.

Parece um brinde.

ANGELICA.

Muito obrigada pelo seu presente.

BENJAMIM.

Não ha de que, minha gentil senhora.

(*Angelica põe a rosa ao peito. Benjamim volta-se para Ambrosina*).

Para vossa excellencia eu trouxe — e espero
 Que seja recebido com bondade —
 Este raminho de violetas brancas,
 Tambem do meu jardim. Flores modestas,
 Que o seu perfume docemente escondem,
 Symbolisam a candida innocencia
 Da bella virgem recatada e pura.

AMBROSINA.

Agradecida.

RAMOS.

A' vista dos discursos,
Desobrigado estou de apresentar-lhe
Mulher e filha.

ANGELICA, *tomando o chapéo e a bengala de Ben-
jamim.*

Com licença.

BENJAMIM.

Graças.

RAMOS, *indicando Cesar.*

Este já foi por mim apresentado.

BENJAMIM.

Folgo de vel-o.

RAMOS.

O meu amigo Lucas.
E' quasi um filho.

LUCAS.

Temos um phonographo?

RAMOS.

Não tem ao pae o minimo respeito...

LUCAS.

E lhe dou piparotes na barriga ;
Falta-me o *savoir-vivre*...

BENJAMIM.

Oh, não ! não creio !

LUCAS.

Vim almoçar de jaquetão coçado !

BENJAMIM.

Se é quasi um filho, está no seu direito.

RAMOS.

Mas é um heróe! Tem só vinte e dois annos...

LUCAS.

Vinte e dois annos e tres mezes justos.

RAMOS.

E é já negociante acreditado
Na praça de São Paulo !

BENJAMIM.

Então? ja houve
Com essa idade marechaes em França!

(Apertando a mão a Lucas).

Eu tenho muita honra em conhecê-lo.

LUCAS.

A honra é toda minha, cavalheiro.

*(Angelica, que tem sahido, volta e diz baixinho
a Ramos):*

ANGELICA.

O almoço está servido.

RAMOS, *muito alto.*

Meus senhores...

ANGELICA, *tapando-lhe a bocca.*

Espera que o copeiro dizer venha.

RAMOS, *baixo.*

E' verdade, o copeiro de casaca...

(Entra o copeiro).

Eil-o! Faz um vistão! Gósto d'aquillo!

O COPEIRO.

O almoço está na mesa.

(*Sae*).

RAMOS.

Meus amigos,
Vamos ao nosso almoço promptamente,
Que já temos o estomago a dar horas.

(*Benjamim e Cezar offerecem ambos o braço a Ambrosina*).

BENJAMIM.

O meu braço aqui tem, minha senhora.

CEZAR.

Minha senhora, offr'êço-lhe o meu braço.

AMBROSINA.

E agora? Aceito o que chegou primeiro.

(*Dá o braço a Benjamim. Cezar dá o braço a Angelica. Saem todos*).

RAMOS, *sahindo, a Lucas*.

Cada qual no seu genero, não achas?

LUCAS.

Acho.

RAMOS.

A Ambrosina escolhe... escolhe um delles!

(*Sae*).

LUCAS, *só*.

Escolhe um delles? Pois sim!
Meu velho, pelo que vejo,
Perdes o tempo e o latim,
— P'ra não dizer o badejo.

ACTO SEGUNDO

A mesma sala.

Scena primeira

AMBROSINA, *entrando*.

Valha-me a Virgem Maria !
Que grande aborrecimento !
Vim descansar um momento !
De tanta semsaboria
Horrorisada fugi !
Que só de negocios trate
O tal senhor Cezar Santos !
Cacetes conheço uns quantos,
Porém d'aquelle quilate
Confesso que nunca os vi !
E o Benjamim ? Que fofice !
Que typo insignificante !
Não abre a bocca o pedante,
Que não diga uma tolice,
Ou que não falle de si,
— Das visitas que recebe,
Ou do extracto que o perfuma,
Ou dos charutos que fuma,
Ou dos licores que bebe !
Quantas asneiras ouvi !

Scena II

AMBROSINA, LUCAS.

LUCAS.

Vamos ! Então ? Que me dizes
De um e de outro namorado ?

AMBROSINA.

Cada qual mais enjoado !

LUCAS.

Pobres moços !... infelizes !...
Pois nenhum delles te agrada ?

AMBROSINA.

Não.

LUCAS.

E's muito rigorosa !

AMBROSINA.

Seria bem desditosa
Com quaspuer delles casada.

LUCAS.

Tambem vaes logo aos extremos !
Pelas impressões primeiras
Incompletas e ligeiras,
Jamais levar nos deixemos...
Gente nova, estranha gente
Não ha, que nos appareça,
E aos nossos olhos pareça
Aquillo que é realmente ;
Pois n'esta coisa medonha,
Que se chama sociedade,
Ninguém sae da intimidade
Sem que uma mascara ponha.
Não julguemos á ligeira ;
Toda a gente se mascara :
Uns cobrem parte da cara
E os outros a cara inteira.
Quem se revela maluco
Tem muitas vezes juiso,
E nos parece ter siso
Um velho craneo sem succo.
Finge de franco o sovina,
Faz-se virtude a mazella...
Julgas Penélope aquella ?
Repara que é Messalina !

AMBROSINA.

N'aquelle maldito almoço
Muito a custo me contive...
Se o mundo enganado vive,
Não vivo eu!

LUCAS.

Ouve...

AMBROSINA.

Não ouço!
Defendel-os tu! Que ideia!
E's cacete por teu turno!
Toma hoje mesmo o nocturno
E volta p'ra a Pauliceia!

LUCAS.

Não vive o mundo enganado,
Não toma a nuvem por Juno:
Diz que o gatuno é gatuno,
Diz que é malvado o malvado,
— E, sem que o disfarce o illuda,
Quando o seu chapéo lhes tira,
Cumprimenta uma mentira,
Uma mascara saúda;
Mas não se trata do mundo
E sim do juiso que fazes
Sobre dous pobres rapazes
Que não conheces a fundo.
Durante esse almoço triste,
Que te não deixou saudades,
Não lhes viste as qualidades,
Mais que os achaques não viste...
Quem sabe se os namorados
Produzirão outro effeito
Quando, com arte e com geito,
Os vejas desmascarados?

AMBROSINA.

Com ou sem mascara, dize,
Aquelle Manél de Soisa
Me falará n'outra coisa
Que não seja o cambio e a crise?

.LUCAS.

Vejam que grande desgraça!
Mas esse assumpto varia,
Porque, emfim, lá vem um dia
Sobe o cambio e a crise passa!

AMBROSINA.

E o outro?... aquelle janota,
De trinta milhões herdeiro,
Vidrinho de agua de cheiro,
Fatuo, ridiculo, idiota?
De uma penhora estou livre,
Se com tal typo me caso!

LUCAS.

Menina, não faças caso:
Tudo aquillo é *savoir-vivre*.

AMBROSINA.

Muito agradecida, Lucas:
Falo-te de coisas sérias,
E com insulsas pilherias
A quanto eu digo retrucas!
Vou no meu quarto fechar-me!
E que ninguem me appareça!
Estou com dor de cabeça:
Excusam de ir lá chamar-me!

(*Sae arrebatadamente*).

Scena III

LUCAS, só.

Tem razão, coitadinha! Eu, no seu caso,
Tambem arranjaría uma enxaqueca...
Qualquer dos dous galans é o mais ridiculo.
Cezar Santos é todo positivo:
Outro assumpto não tem para a palestra
Senão coisas da praça. As raparigas

Antipathisam necessariamente
Com taes assumptos, e falar-lhes n'isso
E' o mesmo que se a gente as obrigasse
A ler nas folhas tão somente a parte
Commercial. E o Benjamim? Que parvo!
Um phenomeno quasi! O proprio Edison,
A matutar, duvido que inventasse
Tão engenhosa machina de asneiras!
Entretanto — quem sabe? — os dous rapazes
São talvez excellentes creaturas...
E' o que preciso averiguar quanto antes;
Mas para isso necessario fôra
Que eu conseguisse conversar com ambos,
Cada um de per si...

(Vendo entrar Cezar Santos).

Oh, que pechincha!...
O Cezar Santos!... Vou puxar por elle...
Tambem eu ponho agora a minha mascara.

Scena IV

LUCAS, CEZAR SANTOS.

CEZAR.

Onde é que se metteu dona Ambrosina?
Vim procural-a.

LUCAS.

Foi para o seu quarto,
Queixando-se de dores de cabeça.

CEZAR.

Está naturalmente aborrecida
Por ter ouvido tantas baboseiras
Do Benjamim Ferraz. Que grande typo!
Lá o deixei a falar do seu cavallo
Que, a dar-lhe ouvidos, é o melhor do mundo!

LUCAS.

Não; ella não se queixa das toleimas
Do Benjamim Ferraz; pelo contrario...
Acha-lhe certa originalidade.
Queixa-se do senhor.

CEZAR.

De mim ?

LUCAS.

Por certo.

Pois o senhor não vê que a moça é futil,
E só gosta de ouvir futilidades ?
Falta de educação... Oh! eu conheço-a
Desde pequena, e sei dos seus defeitos.
O senhor só conversa em coisas sérias...

CEZAR.

Não ha nada mais serio que o commercio.

LUCAS.

Pois sim ! Vão lá dizer-lh'o ! Não crê n'isso !

CEZAR.

Falta-lhe então criterio ?

LUCAS.

Do commercio

Ella só toma a sério os armarinhos
Da rua do Ouvidor.

CEZAR.

No emtanto, julgo
Que o velho Ramos, ferragista honrado,
Foi no commercio que ajuntou dinheiro,
E do commercio vive, e vive a filha...

LUCAS.

Ella quer lá saber dessas bobagens !

CEZAR.

Bobagens ?

LUCAS.

Esse é o termo que ella emprega.
Falem-lhe em bailes, falem-lhe em theatros !
Bem se lhe dá que o cambio esteja frouxo,
Ou que encontre na praça tomadores,
Ou que pela manhan subindo a sete,
Baixe de tarde a seis e sete oitavos !

CEZAR.

Tenho pena, confesso : gósto della,
E dóe-me vel-a assim tão leviana.

LUCAS.

Gosta della ?

CEZAR.

De certo, e pretendia
Pedil-a em casamento ao pae.

LUCAS.

Devéras ?

Que me diz ? Nesse caso flz asneira !
Se de taes intenções eu suspeitasse,
Não me exprimira assim a seu respeito !
Pobre Ambrosina ! E ella, com certeza,
Gosta egualmente do senhor ! . . . Que diabo ! . . .
Hei de sempre mostrar-me um criançaola !
Tem graça agora se, por minha causa,
Perde Ambrosina um casamento destes !
Senhor, não faça caso do que eu disse !
Ella não gosta do commercio ? Embora !
Peça a menina, case-se com ella !
O commercio virá depois . . . Que bruto
E que indiscreto fui !

CEZAR.

Socegue, Lucas :

Se ella não me aceitar para marido,
Eu não me atiro ao mar por causa disso.

LUCAS.

Ah! bom! já vejo que não gosta della...

CEZAR.

Gósto... gósto... é bonita... é bem bonita...
Veste-se muito bem... toca piano...

LUCAS.

E bandolim tambem, que é moda agora.

CEZAR.

Se é futil, não faz mal; bem sei que as moças
São, pouco mais ou menos, todas futeis!
Sim... depois de casada... em vindo os filhos,
Ha de n'elles pensar, no seu futuro,
E todo o dia, quando eu volte á casa,
Perguntará de certo pelo cambio.

LUCAS.

Sabe que mais? Aqui ninguem nos ouve.
Confesse que se casa co'Ambrosina
Como se casaria... ande, confesse!...
Com qualquer outra moça tão bonita,
Que fosse filha de outro velho Ramos.

(Cezar sorri).

Este sorriso não me engana: é certo!

(Contendo a indignação).

Faz você muito bem! (Consinta, amigo,
Que o trate por você...) Todas as moças
São parecidas umas com as outras
Quando se vestem bem, tocam piano
E bandolim. E' proprio de pascacios
Preferir esta áquella, desde que haja
Pelleza... e dote. Nós, os do commercio,
Mesmo tratando de formar familia,
Não nos devemos esquecer que somos
Antes de tudo negociantes...

CEZAR.

Toca !

Tu és da minha escola ! Tu consentes
Que eu te trate por tu ?

LUCAS.

Pois não ! consinto !

—O casamento é uma sociedade ;
Toda a mulher é socia do marido :
Usa e assigna o seu nome, e tem metade
De quanto lhe pertence.

CEZAR.

Isso é conforme.

LUCAS.

De direito é conforme, mas de facto
Tudo o que é d'elle é d'ella, e vice-versa.
Logo, é justo—não é?—que a nossa noiva
Nos traga um capital igual ao nosso.

CEZAR.

Tu tens vinte e dois annos ?

LUCAS.

E tres mezes.

CEZAR.

Falas que nem um velho ! Não conheço
Quem tão bem raciocine n'essa idade !
Se assim pensassem todos, não veriamos
Tantas desgraças que provêm—pudéra ! —
Da pobreza dos conjuges !

LUCAS.

Em França

Rapariga não ha, bonita embora,
Que sem ter dote casamento arrange.
Aquillo é que é paiz !

CEZAR.

E no commercio
A franceza é caixeira do marido.

LUCAS.

Tinha eu então razão quando dizia
Que a ti tanto te faz uma como outra...

CEZAR.

Tinhas toda a razão. A ti, t'o digo,
Pois vejo que não és nenhum poeta,
Nem nenhum visionario impertinente,
Que viva n'uma nuvem côr de rosa.
— E's de dona Ambrosina irmão collaço:
Peço-te, pois, que essa impressão destruas
Que n'ella produzi; dize-lhe, Lucas,
Que tenho aspirações, que tenho sonhos,
E sou muito capaz de fazer versos
N'uma pagina até do livro-caixa!

LUCAS.

Vae tranquillo.

(*Aparte*),

Cahiu como um patinho,
E por um triz não lhe esmurrei as ventas!

Scena V.

LUCAS, CEZAR SANTOS, JOÃO RAMOS, BENJAMIM, FERRAZ,
D. ANGELICA.

RAMOS.

Então? Que é isso? Desertaram ambos?

ANGELICA.

Ambrosina onde está que não a vejo?

LUCAS.

Para o seu quarto foi co'uma enxaqueca.

ANGELICA.

Qual! minha filha nunca teve disso!

LUCAS.

N'esse caso, fez hoje a sua estreia.

ANGELICA.

Valha-me o bom Jesus! vou ter com ella!

LUCAS.

Um vidro tenho aqui de saes inglezes...

(Angelica sae sem lhe dar ouvidos).

RAMOS.

Deixe. Não será nada. A senhorita
Bebeu Bucellas e bebeu Collares:
Não estando acostumada a taes misturas,
Sentiu-se incommodada.

CEZAR.

Não; não creia:
Muito pouco bebeu durante o almoço.

(Senta-se a examinar um album de photographias).

BENJAMIM.

Diz muito bem. Nos calices apenas
Os labios virginaes humedecia.

RAMOS.

Gosta de ver retratos, senhor Cezar?

CEZAR.

E' divertido.

(Ramos senta-se ao lado de Cezar, e vae lhe mostrando os retratos).

RAMOS.

Aqui me tem, no tempo
Em que eu tinha, talvez, a sua idade.

(Lucas aproxima-se de Benjamim, que está sentado no sofá).

LUCAS, *aparte.*

Vou penetrar n'esta alma de ocioso.

(Alto, sentando-se ao lado d'elle).

Quer saber o motivo da enxaqueca?
Qual mistura de vinhos! qual historias!

RAMOS.

Esta é minha mulher. Foi bem bonita.

CEZAR.

Ainda se parece.

BENJAMIM.

Eu desconfio
Que indisposta ficou dona Ambrosina
Por tanto ouvir falar ao Cezar Santos
Em transações da praça.

LUCAS.

Pois engana-se.

RAMOS.

Este é o meu sogro. Já lá está, coitado!

LUCAS.

Foi o senhor a causa da enxaqueca.

BENJAMIM.

Eu? Ora essa! Não comprehendo! Explique-se!

RAMOS.

A Ambrosina, quando era mais mocinha.

LUCAS.

Ella, aqui para nós, é muito tola;
Não gosta de o ouvir falar; diz ella
Que o meu amigo só de si se occupa.

BENJAMIM.

Não costumo falar da vida alheia.

RAMOS.

O fallecido meu compadre Lopes,
Padrinho da pequena.

CEZAR.

Eu conheci-o.

Teve uma loja de calçado.

RAMOS.

E' isso.

Na rua da Quitanda. — Era bom homem.

LUCAS.

Ella não aprecia o seu estylo...
E' tão mal preparada! Só lhe agradam
Palavras corriqueiras... E' bonita,
Elegante, não nego, mas — que pena! —
Falta-lhe o *savoir-vivre*. Uma burguezia!

RAMOS.

Este é o Freitas Simões, que foi meu socio.
Hoje é o senhor visconde d'Alcochete!

BENJAMIM.

Pois tenho pena que ella me deteste:
Tencionava pedil-a em casamento.

LUCAS.

Pedil-a em casamento? Oh, desastrado!
Meu Deus, fil-a bonita! Meu amigo,
Não faça caso do que eu disse! Pilulas!
Por minha causa perde a rapariga
Um casamento destes! Não! não! casem-se!
Virá depois o *savoir-vivre*! Diabo!...
Hei de ser sempre uma criança estúpida!...

RAMOS.

O Gouveia da rua do Mercado.

BENJAMIM.

Não; eu não desanimo por tão pouco,
E lhe agradeço até, meu caro joven,
Ter-me instruído sobre os gostos della.

RAMOS.

Conhece? E' o Nazareth da rua Sete,
Mas no tempo em que usava a barba toda.

BENJAMIM.

Eu tratarei de transformar-me, creia;
Mas se inda assim nas suas boas graças
Não cahir, paciencia... Outra donzella
Talvez encontre menos exigente.
O que me agrada n'ella é a formosura
Com que a dotou a natureza prodiga;
Outra coisa não é, porque sou rico,
E ainda espero em Deus herdar bastante.

LUCAS.

Em Deus? Sim, tem razão: é Deus quem mata...

RAMOS.

Este é o doutor Galvão, que é nosso medico.

BENJAMIM.

De bom grado eu seria o seu marido,
 Por ser senhora muito apresentavel,
 Que faria figura no *grand monde*
 E enfeitaria bem um camarote
 Do Lyrico ; entretanto, um sacrificio
 Não quero que ella faça, está bem visto.

CEZAR.

Este conheço eu muito : é o João Moreira.

BENJAMIM.

Modestia á parte, a um homem desta estofa
 Que é moço, e não é feio, e tem saude,
 E é millionario ou quasi millionario,
 E viajou por toda a culta Europa,
 E anda trajado no rigor da moda,
 E faz figura em cima de um cavallo,
 E fuma disto . . .

(*Mostra o charuto que fuma, e faz menção de tirar
 outro da algibeira*).

Quer provar ?

LUCAS.

Não fumo.

BENJAMIM.

A um homem desta estofa nunca faltam
 Mulheres que o pretendam, que o disputem,
 Que se agatanhem para conquistal-o !

(*Approxima-se de Ramos e Cezar, que têm acabado de
 percorrer o album*).

LUCAS, *aparte*.

O outro é tolo e malandro ; este é só tolo . . .
 E' muito facil vel-opelas costas.

Scena VI

LUCAS, JOÃO RAMOS, CEZAR SANTOS, BENJAMIM FERRAZ,
DONA ANGELICA.

RAMOS, *a Angelica, que entra.*

Então? Que é?...

ANGELICA.

Não é nada. Aquillo passa.

RAMOS.

Não quero que os amigos se retirem
Sem ver a nossa chacara. Proponho
Um pequeno passeio.

CEZAR.

E' bem lembrado.

BENJAMIM.

E' conveniente um pouco de exercicio
Depois do lauto almoço que tivemos,
E ao nosso Amphytrião faz tanta honra.

RAMOS.

Bondade sua, meu amigo. Angelica,
Vae buscar os chapéos destes senhores.

BENJAMIM, *indo buscar o seu chapéo.*

Então? Não se incommode, excellentissima!

CEZAR, *idem.*

Oh! pelo amor de Deus, minha senhora!

RAMOS.

Vamos! Não vens, Angelica?

ANGELICA.

Não. Fico
Fazendo companhia á nossa filha.

LUCAS.

E eu faço companhia a dona Angelica.

RAMOS.

Vamos então nós tres. Eu vou mostrar-lhes
Uma nascente de agua alli no morro...

*(Saem Cezar, Benjamim e Ramos, que continua
a falar iudistinctamente, até que a voz se perca ao
longe).*

Scena VII

LUCAS, D. ANGELICA, depois AMBROSINA.

ANGELICA.

Qual enxaqueca! qual nada!
Ambrosina, meu rapaz...

LUCAS.

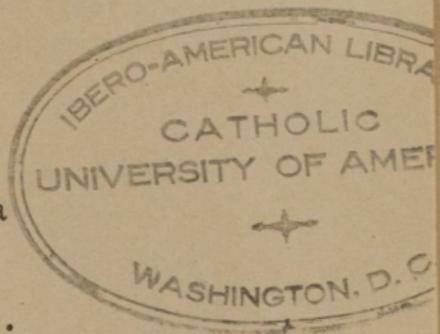
Santos não quer ser chamada,
Nem ser madame Ferraz.

ANGELICA.

Sabias?

LUCAS.

E uma enxaqueca
Astutamente arranjou,
Para livrar-se da séca
Que o papae lhe reservou.
O Ferraz alambicado
Debalde se encareceu,
E o Cezar — pobre coitado! —
Chegou, viu, mas não venceu.



AMBROSINA.

Vês que menina exigente?

LUCAS.

No seu direito ella está!
E' bonita, intelligente,
E tem um dote... oh, lá lá!
Deixe! O que não se faz hoje
Fazer-se póde amanha...
Socegue, que não lhe fogue
O seu principe *Charmant*.

ANGELICA.

A galope os desenganos
A' casa podem chegar...
Ella tem vinte e dous annos:
Não deve mais esperar.

LUCAS.

Momento melhor aguarde;
Não é preciso correr.
Espere, que nunca é tarde
Para uma asneira fazer.
Gosto a senhora teria
Se Ambrosina de qualquer
Daquelles typos um dia
— Franqueza! — fosse mulher?

ANGELICA.

Tu não dizes o que sentes:
Dous typos elles não são.

LUCAS.

Deixe-se de pannos quentes!
E' cada qual mais typão!

ANGELICA, *depois de certa hesitação.*

Ah! se o meu genro escolhido
Fosse por mim, só por mim,
De minha filha o marido
Serias tu.

LUCAS.

Eu?

ANGELICA.

Tu, sim!

(Ambrosina apparece á porta e escuta o dialogo).

Que outro genro achar podemos
Melhor do que tu?

LUCAS.

Perdão.
Sobre outra coisa falemos.

ANGELICA.

Não te agrada o assumpto?

LUCAS.

Não.
E mais na carta não deite...

ANGELICA.

Ambrosina...

LUCAS.

Tá tá tá!
Ella é minha irman de leite...

ANGELICA.

Impedimento não ha.

LUCAS.

Ha, — e um grande impedimento :
O impedimento moral!
Semilhante casamento
Seria tão desigual...

ANGELICA.

Desegual porque motivo?

LUCAS.

Não é preciso dizer.

ANGELICA.

E's quasi um filho adoptivo :
Deves ser franco !

LUCAS.

Vou ser.
De uma... alugada era filho
Quando n'esta casa entrei,
E seria um maltrapilho
Sem a protecção que achei.

ANGELICA,

E's tolo.

LUCAS.

Se seu marido
Não me desse protecção,
Eu me teria perdido...

ANGELICA.

Quem sabe? Talvez que não.

LUCAS.

Não! Essa ideia me humilha!
Eu não pago tanto amor
Pretendendo a mão da filha
Do meu santo protector!

ANGELICA.

Adeus, minhas encommendas!
Não me entendeste, rapaz!
Eu não digo que pretendas,
Pois pretendido serás.

LUCAS.

Se eu me casasse com ella,
Que diriam por ahi?
O mundo é tão tagarela!

ANGELICA.

Ora! que diriam?

LUCAS.

Chi!

« O Lucas, aquelle intruso
Noiva e dote abiscoitou!
De confiança um abuso
Friamente praticou!
Parecia não ter vicios,
Mas vêde o pago que deu
A todos os beneficios
Que do velho recebeu!»
Já vê que esse casamento
De modo algum me convem,
E que todo o fundamento
Os meus escrupulos têm.

ANGELICA.

São tolos esses assomos
De dignidade.

LUCAS.

Talvez.

ANGELICA.

Nós aqui em casa não somos
Nenhuns fidalgos, bem vês.
Meu marido foi caixeiro
E hoje apenas é patrão,
E meu pae foi sapateiro,
Depois de ser remendão.
Somos, sim, familia honesta
E temos alguns vintens;
Mas, se a fidalguia é esta,
Filho, tambem tu a tens.
A razão porque não queres
Ser meu genro essa não é;
Mas — anda lá! — tu preferes
Mentir...

LUCAS.

Mentir! Eu?

ANGELICA

Olé!

Apezar de não ser fina,
Claramente vendo estou
Que não gostas de Ambrosina
Já cá não está quem falou.

(Vae retirar-se, mas Lucas toma-lhe a passagem).

LUCAS.

Não gósto de Ambrosina? Engana-se! Ambrosina
E' a flor que me perfuma, o sol que me illumina!
Suppunha o meu affecto apenas fraternal,
Mas hoje, quando entrei, alegre e jovial,
E uma senhora achei na timida criança
Que do passado meu era a melhor lembrança,
Deslumbrei-me, e senti que uma transformação,
Meu Deus! se me operava aqui no coração!
Não póde calcular como os dois namorados
Me encheram de ciume, e como revivi
Quando, por serem tão ridiculos, os vi
Perder terreno... Oh, não! não diga, por piedade,
Que eu não gósto daquella esplendida beldade!
Eu amo-a loucamente, eu amo-a com fervor!
Amor não póde haver maior que o meu amor!
Mas peço-lhe por Deus que guarde este segredo
Que murmuro a tremer e balbucio a medo.
Não me devo casar com sua filha, pois
Que um abysmo fatal existe entre nós dois!
Se o meu segredo fôr por mais alguém sabido,
Juro-lhe que disparo um revólver no ouvido!

AMBROSINA, *mostrando-se.*

Vamos! Dispara! O teu revólver onde está?
Eu quero ver morrer um homem! Vamos lá!

LUCAS.

Ambrosina!

AMBROSINA.

Acho bom, porém, que, antes do tiro
Com que te vaes matar, demos ambos um gyro
Até a pretoria e até a egreja.

ANGELICA, *a Lucas.*

Ahi tens:
E's noivo; aceita os meus sinceros parabens.

AMBROSINA.

Máo! Feio! Escutei tudo alli d'aquella porta.
Se não disseses «Amo», eu cahiria morta!
O que te succedeu me succedeu a mim:
Se tão cedo não vens, talvez que o Benjamim,
Ou o Cezar—um dos dois—fosse o meu noivo agora.
Mas tu chegaste a tempo. Ao ver-te, sem demora
Me pareceu que Deus te conduzia aqui
Para arrancar-me ao outro e offerecer-me a ti.

ANGELICA, *a Lucas.*

Então? Que dizes tu?

LUCAS.

Digo... Não digo nada!
Foi de tal modo pelo accaso combinada
Esta scena de amor, que ninguem... sim, ninguem
Me poderá dizer: «Tu não andaste bem».
Estes castellos no ar é bom que os não façamos,
Todavia, sem ter ouvido o velho Ramos.
Não podemos saber como elle acolherá
Esta conspiração...

ANGELICA.

Eu vou falar-lhe já.

LUCAS.

Já? Isso não!

ANGELICA.

Porque?

LUCAS.

Convem primeiramente
Desilludil-o de um e de outro pretendente.
Eu disse me encarrego. E só depois que os taes
Sahirem... — sahirão, e cá não voltam mais,
Prometto-lhes !... —.

ANGELICA,

Bem bom ! bem bom !

AMBROSINA.

Isso me alegra.

LUCAS.

Só depois eu farei o meu pedido em regra.

AMBROSINA.

E o tiro? Pum!

LUCAS.

Dal-o-hei, se á tua decisão
O velho oppõe um veto...

AMBROSINA.

Ha de lhe dar sancção.

(Ouvem-se vozes).

ANGELICA.

Elles de volta ahi vêm.

AMBROSINA, *beijando a mãe.*

Mamãe, muito obrigada.

ANGELICA.

Se soubessem os dois que a praça foi tomada...

Scena VIII

LUCAS, D. ANGELICA, AMBROSINA, JOÃO RAMOS, CEZAR
SANTOS, BENJAMIM FERRAZ.

RAMOS.

Que estopada lhes dei! Confessem ambos!

CEZAR.

Não diga tal! Foi um passeio esplendido!

BENJAMIM.

Tem uma bella chacara. Algum dia
Hei de mostrar-lhe a minha : um paraíso!

CEZAR.

Já ficou boa da enxaqueca?

AMBROSINA.

O Lucas
Um remedio me deu de effeito prompto.

LUCAS, *aparte*.

Só me faltava ser antipyrina...

CEZAR, *com esforço*.

N'uma linda cabeça como a sua,
Onde brilham dois olhos tão formosos,
A enxaqueca devia ser vedada.

AMBROSINA, *rindo-se*.

Que bella phrase!

CEZAR, *aparte*.

Decididamente
Falta-me o geito para as coisas futeis!

BENJAMIM.

A enxaqueca, senhora, é mal terrível,
Porque desvia do trabalho o cerebro,
E o trabalho é a alavanca do progresso,
E' o commercio, a lavoura, a industria, é tudo!

AMBROSINA, *rindo-se*.

Falou bonito !

BENJAMIM, *aparte*.

Decididamente
Não tenho quéda para as coisas serias !

RAMOS.

Mas que remedio milagroso é esse ?
Durante o almoço estavas macambusia
(Nem provaste do celebre badejo !)
E agora tão risonha achar-te venho !
Verias tu, durante a nossa ausencia,
Um passarinho verde ?

AMBROSINA.

Não vi nada ;
Mas o facto é que estou muito contente.

RAMOS.

Bom. N'esse caso, vaes tocar um pouco
De bandolim. Desejo que os amigos
Antes de nos deixar te batam palmas.

AMBROSINA.

Com mil vontades. Senhor Cezar Santos ?
Senhor Forjaz ? . . .

BENJAMIM.

Ferraz, excellentissima.

AMBROSINA.

Peço toda a indulgencia.

CEZAR.

Oh!

BENJAMIM.

Ora essa!

ANGELICA.

Na sala de jantar corre mais fresco
E o bandolim lá está.

RAMOS.

Para lá vamos!
Entrem, senhores meus!

CEZAR, *offerecendo o braço a Ambrosina.*

Minha senhora?

BENJAMIM, *idem.*

Minha senhora?

AMBROSINA, *entre os dois.*

Dois? Pois bem! não quero
Que nenhum se desgoste por tão pouco,
E aceito o braço que ambos me oferecem.

(Sae pelo braço de ambos).

ANGELICA.

Malcriados! Esquecem-se da velha!

RAMOS, *offerecendo-lhe o braço.*

Aqui tens, minha amiga.

ANGELICA.

E' pão com rosca.

RAMOS, *a Lucas, passando com Angelica pelo braço.*

Não vens?

LUCAS.

Por ora não. Logo que possa safar-se, venha ter aqui commigo. Preciso dar-lhe duas palavrinhas.

RAMOS.

Quantas quizeres, Lucas. Até logo.

(Sae com Angelica).

LUCAS, *só.*

Que dirás, minha mãe, quando souberes?

ACTO TERCEIRO

A mesma sala.

Scena primeira

LUCAS, só.

(Lucas está olhando para o lado da sala de jantar, de onde chegam os sons de um bandolim).

Não ha que ver : João Ramos não se lembra
De que o espero aqui ha meia hora.
Elle está preso ao bandolim da filha,
O olhar interessado, o ouvido attento,
A bocca aberta, as mãos sobre os joelhos.
Oh, que velho tão bom ! que pae ditoso !
N'este instante ninguem capaz seria
De arrancar-o daquelle doce enlevo !
Ouvindo aquelles sons melodiosos,
Elle talvez na mente rememore
O tempo em que Ambrosina era assimsinha,
E no seu collo adormecia ás vezes.

(O bandolim cala-se. Applausos).

Ella acabou. O velho levantou-se.
Para este lado olhou. Viu-me.

(Faz um signal para dentro).

Ora graças !
Elle ahi vem finalmente. Eil-o commigo.
— Queira Deus que lhe agrade a minha ideia.
Do contrario não temos nada feito.

Scena II

LUCAS, JOÃO RAMOS.

RAMOS.

Lucas, meu filho, desculpa,
E não me accuses a mim,
Pois quem teve toda a culpa
Foi aquelle bandolim.
Quando a pequena dedilha
As suas cordas, sei lá!
Deixa de ser minha filha:
E' um anjinho que ahi está!
Minh'alma sinto levada
Para outro mundo melhor;
Não vejo nem ouço nada
Do que se passa em redor!
Se o copeiro me dissesse:
« Ha fogo em casa, patrão! »
Talvez por isso não dêsse,
Nem lhe prestasse attenção!
Não me queiras mal, portanto,
Se mais depressa não vim;
Quem te fez esperar tanto
Foi aquelle bandolim.

LUCAS

Mas vamos ao que se trata.

RAMOS.

Estou sempre ao teu dispor.
Alguma negociata
Tu me desejas propor?
Queres que eu seja teu socio

LUCAS!

Não, senhor; para tratar
Aqui de qualquer negocio,
Havia de procurar
Occasião mais propicia,
Sem Cezar nem Benjamim,
E não iria á delicia
Roubal-o do bandolim.

RAMOS.

Oh, meu rapaz! tu me assustas!
Onde queres tu chegar?

LUCAS.

Socegue; as almas robustas
Não têm de que se assustar.
Uma inverosimilhança,
Que poderá fazer rir,
E' — não acha? — uma criança
A um velho os olhos abrir;
No emtanto, o facto é patente!

RAMOS.

Mas não me dirás, emfim. . . ?

LUCAS.

Trata-se precisamente
Da dona do bandolim.
— Os dois moços namorados,
Que hoje almoçaram aqui,
Já foram bem estudados
Pelo senhor?

RAMOS.

E por ti?

LUCAS.

Por mim o foram, e juro
Que nenhum dellès convém!

RAMOS.

O' Lucas, eu te asseguro
Que são dois homens de bem !

LUCAS.

E' Cezar Santos matreiro
Um caça-dotes ruim,
Que faz questão de dinheiro
E não faz de bandolim!

RAMOS.

Similhante impertinencia
Me espanta nos labios teus !

LUCAS.

Proponho uma experiencia
E o conselho. . .

RAMOS.

Ora adeus !
Dás-me um conselho ? Ao que vejo,
Inverteram-se os papeis !

LUCAS.

Mal empregado badejo
De vinte e cinco mil réis !

(Ouve-se o bandolim).

RAMOS.

Deus te dê o que te falta!
Ouves?

LUCAS.

Ouço.

RAMOS.

Plim, plim, plim !
Sabes que mais, meu peralta ?
Não resisto ao bandolim !

(Quer retirar-se. Lucas toma-lhe a passagem).

LUCAS.

Venha cá! Falo sério! Não se ria!
Cezar Santos não gosta de Ambrosina,
Ou antes, gosta, como gostaria
De outra qualquer menina
Que fosse linda e que tivesse dote...
Elle quer dar-lhe um bote!

RAMOS.

Mas como sabes disso?

LUCAS.

Elle em pessoa
Me declarou que assim pensava.

RAMOS.

E' boa!

LUCAS.

Fingi-me um patifão da sua laia;
Captei-lhe a confiança promptamente,
E dei-lhe um vomitorio de poaia.

RAMOS.

E vomitou?

LUCAS.

Duvida!... O Lucas mente?...

RAMOS.

Não vês que isso foi pala?
Quiz brincar, está visto!

LUCAS.

Pois bem, eu pela experiencia insisto!

RAMOS.

Lá vem de novo a experiencia! Fala!
Como é que me aconselhas que manobre?

LUCAS.

Chame-o de parte e diga-lhe que é pobre,
Que sua filha não tem dote... Invente!...
E se elle, ouvindo essa tremenda historia,
Não se puzer ao fresco incontinenti,
As mãos entregarei á palmatoria.

RAMOS.

Em todo o caso, é boa essa armadilha,
Porque me custaria ver casada,
Por ter um dote apenas, minha filha,
Quando com tantos outros é dotada...

LUCAS.

Eu vou lá para dentro e aqui lh'o mando.

Mas não tenha vergonha:

Invente uma catastrophe medonha.

Suspire, se puder, de vez em quando...

Coisas dirá incriveis, conjecturo;

Não se importe: elle é homem

Desses que todas as araras comem

E que o reino do céu tem já seguro.

Diga que o jogo e os seus fataes caprichos

Levaram-lhe a maquia;

Que cem contos de réis perdeu nos bichos,

Cem na roleta, cem na loteria,

E cem na Bolsa!

RAMOS.

Chi! que jogatina!
— E o Benjamim Ferraz?

LUCAS.

Ora! Ambrosina
Já tem um bandolim; outro dispensa.

RAMOS.

Pois bem, en pela experiencia instalto!
Achas então que o moço...?

LUCAS.

E' mesmo um bandolim... de carne e osso.
Esse em dote não pensa.

RAMOS.

Eu creio mesmo que não pensa em nada.

LUCAS.

Mas fica essa figura reservada
Para depois. Eu vou mandar-lhe o typo.
Meus parabens sinceros lhe antecipo.

(Sae).

Scena III

JOÃO RAMOS.

E' levado da brega este meu Lucas!
Mas não é que elle teve uma lembrança
Que não accudiria a toda a gente?
Eu vou mentir... mas, ora adeus! se o faço,
E' para o bem da minha filha amada,
E a mentira que vou pregar só póde
Prejudicar ao proprio mentiroso,
Pois se a pilula engole o Cezar Santos,
Vae dizer por ahi que estou quebrado ;
Mas como a ninguem devo, que me importa?
Elle ahi vem. Temos scena de comedia!
Coragem ! vou pregar uma mentira
Pela primeira vez na minha vida...

Scena IV

JOÃO RAMOS, CEZAR SANTOS.

CEZAR.

Desejava falar-me, senhor Ramos?

RAMOS.

Desejava falar-lhe, senhor Cezar.

(Dando-lhe uma cadeira).

Tenha a bondade, sente-se.

CEZAR.

Obrigado.

(*Senta-se. Ramos senta-se tambem*).

Estou ás suas ordens.

RAMOS.

Meu amigo,
O senhor, uma noite, no Cassino,
Minha filha encontrou, dansou com ella,
E no dia seguinte pela porta
Começou a passar de nossa casa
Todas as tardes, mesmo se chovia.
Se á janella a pequena me bispava,
Tirava-lhe o chapéo amavelmente,
E lhe sorria assim de certo modo...
Achando no senhor um bom partido,
Por saber, de pessoas fidedignas,
Que está perfeitamente encaminhado,
Para almoçar commigo convidei-o,
E preparei um succulento almoço
Com algum sacrificio...

CEZAR, *aparte*.

Sacrificio ?

RAMOS.

Para não parecer que eu convidava
Um namorado, e lhe impingia a filha,
O Benjamim Ferraz, apparecendo,
Foi tambem convidado.

(*Aparte*).

Esta mentira
Não estava no programma.

(*Alto*).

O que eu queria,
Trazendo-o para junto de Ambrosina,
Era fazer com que se approximassem
E se entendessem de uma vez por todas.
Ficam-lhe abertas desta casa as portas.

CEZAR, *erguendo-se*.

Muito obrigado, senhor Ramos.

RAMOS.

Sente-se.

(*Cezar senta-se*).

Antes, porém, que as coisas vão mais longe,
Uma revelação fazer-lhe quero
Imposta pela minha lealdade.

(*Aparte*).

Lá vae !

(*Alto*).

Sou pobre.

CEZAR, *erguendo-se como tocado por uma mola*.

E' pobre !

RAMOS.

Muito pobre.

Infelizmente perdi tudo. Sente-se.

CEZAR, *secco*.

Estou perfeitamente.

RAMOS, *erguendo-se*.

N'esse caso,
Levanto-me eu tambem, meu caro amigo.

CEZAR.

Mas como foi ? . . .

RAMOS.

Cavallarias altas !

Joguei na baixa.

CEZAR.

E perdeu tudo?

RAMOS.

Tudo,

A começar pelo juízo... Apenas
Desse naufragio me escapou a honra.

CEZAR, *naturalmente.*

Mas de que vale a honra sem dinheiro?

RAMOS, *depois de estremecer como se o esbofeteassem.*

Basta! — não é preciso ouvir mais nada!
Lucas, vem cá!

CEZAR.

Que significa isto?

RAMOS.

A experiencia fica em meio apenas.

Scena IV.

JOÃO, RAMOS, CEZAR SANTOS, LUCAS.

RAMOS, *a Lucas que entra.*

Imaginavas que este sujeitinho,
Ouvindo-me dizer que eu era pobre,
Ao fresco se puzesse incontinente;
Pois bem: sou eu, vaes ver, que o ponho fóra
Da minha casa honrada, e, se o não ponho
A pontapés, é porque n'esta idade
Não ha mais pontapés que deixem marca!

CEZAR.

Senhor!

RAMOS, *a Lucas.*

Quando eu lhe disse que era pobre,
Mas que era honrado, respondeu-me, filho,
Que a honra nada vale sem dinheiro!

LUCAS.

O dinheiro sem honra ha quem prefira.

(Vae buscar a bengala e o chapéo de Cezar Santos).

RAMOS.

Saia já desta casa !

(Movimento de Cezar.— Com mais força).

Saia !

LUCAS.

Saia...

E nada lhe responde : é o mais prudente.

(Cezar encolhe os hombros, toma o chapéo e sae com arrogancia. João Ramos fica muito agitado, a percorrer a scena).

Scena V

JOÃO RAMOS, LUCAS.

RAMOS.

Que cynismo ! que despejo !...

Quatro murros merecia !...

LUCAS.

Então ? eu não lhe dizia ?

Mal empregado badejo !

— Vamos lá ! Não se apoquente,

Que está salva a sua filha...

Mas olhe que se elle a pilhou !

RAMOS.

Não a pilhou felizmente !

LUCAS.

Temos o outro namorado

E uma nova experiencia...

RAMOS.

Mas esse — tem paciência —
E' moço muito educado,
Incapaz de dar-me um couce
Como aquelle sevandija!

(Falando para a porta por onde Cesar sahio).

Ha de haver quem te corrija,
Meu descarado!

LUCAS.

Acabou-se.
Não se trata desse agora,
Mas do Bandolim Ferraz...

RAMOS.

Que tambem me deixe em paz!
Que tambem se vá embora!
Se um bruto casa com ella,
Um dia prego-lhe um tiro!

LUCAS.

Esteja calmo.

RAMOS.

Prefiro
Que vá de palma e capella
Quando morrer!

(Pausa, durante a qual o velho procura serenar-se).

Mas que dizes
Do tal namorado piégas?
Já agora accredito ás cégas
Em tudo de que me avises!

LUCAS.

Não creio que elle pratique
Uma acção indecorosa:
Mas é muito tolo... é prosa...
Presta-se muito ao debique,

E de ridiculo a dóse
Que traz em si, permamente,
Reflectirá fatalmente
Sobre a mulher que elle espose.
Ha de ser um desconsolo,
Meu caro, que a filha sua,
Sempre que sahir á rua
Vá pelo braço de um tolo.
Elle tem muitas patacas,
E ainda ha de herdar de uns matutos,
Para comprar mais charutos
E novas sobrecasacas;
Mas todo esse cobre junto,
Toda essa bella milhança,
Entrando em conta a esperança
Dos sapatos de defunto,
Que vale nas mãos de um homem
Desses — e é grande a cambada! —
Que, não produzindo nada,
Enormemente consomem ?
Quem vive dessa maneira,
E do seu fausto se gaba,
Por via de regra acaba
Por não ter eira nem beira.
Ambrosina — coisa horrivel! —
Nas mãos desse desfructavel,
Tem a pobreza provavel,
Tem a miseria possivel!

RAMOS, *erguendo-se.*

Qual ha de ser o espantalho ?

LUCAS.

A' puridade lhe diga:
« Quer casar co' a rapariga ?
Pois bem : procure trabalho ! »
Se o senhor assim o avisa,
Faço todas as apostas
Em como, voltando as costas,
Elle aqui nunca mais pisa.

RAMOS.

Pois manda-o cá !

LUCAS.

Vou mandal-o.

Verá como a coisa péga!

Fale-lhe, teso!

RAMOS.

Socega :

Teso, bem teso lhe falo!

(Lucas sae).

Scena VI.

JOÃO RAMOS.

Oh! venturoso o pae que lhe entregar a filha!
 —Vinte e dois annos só! Quando este bigorriha
 Contar os que já conto, ha de ser um portento!
 Aquillo sim senhor, aquillo é que é talento!
 E' elle a boca abrir, são flores e mais flores!
 Até me faz lembrar Jesus entre os doutores!
 Devia tel-o feito entrar na Academia...
 Que brilhante orador, que bacharel daria!...

Scena VII.

JOÃO RAMOS, BENJAMIM FERRAZ.

RAMOS.

Venha, meu caro amigo, e me desculpe
 Se o privei de mais doce companhia;
 Mas é preciso que nos entendamos
 Sobre assumpto que muito me interessa.

BENJAMIM.

Antes de proseguir, senhor João Ramos,
 Cumprimental-o quero enthusiasmado:
 Tem uma filha verdadeiramente
 Artista; o bandolim, nas delicadas
 Mãos de dona Ambrosina, divinina-se!
 Ouvi tres peças cada qual mais bella!
 Que brio! que expressão! que sentimento!...

RAMOS.

Gosta muito de musica?

BENJAMIM.

Muitissimo.

RAMOS.

E que instrumento é o seu?

BENJAMIM.

Nenhum.

RAMOS.

E' pena.

BENJAMIM.

Mas tive um primo que tocava flauta.

RAMOS.

Queira sentar-se aqui nesta cadeira,
E prestar-me attenção.

BENJAMIM, *sentando-se.*

Sou todo ouvidos.

RAMOS, *depois de sentar-se tambem.*

Ha quinze dias, no theatro Lyrico,
N'um camarote eu estava co'a familia.
E o senhor na plateia.

BENJAMIM.

A companhia

Cantava o *Mephistofeles*, de Boito.

RAMOS.

Mas o senhor pouca attenção prestava
A' Margarida, ao Fausto e ao Mephistofeles,
E do meu camarote não tirava
Os olhos, com binoculo ou sem elle.
Bom, Nós eramos tres no camarote...

BENJAMIM.

O senhor, a senhora dona Angelica
E a nossa genial bandolinista.

RAMOS.

Ora, não creio que os olhares fossem
Dirigidos a mim, que sou marmanjo,
Nem a minha mulher, que é mulher velha;
Não é preciso, pois, ser muito esperto
Para ver que o seu alvo era Ambrosina.

(Benjamim sorri).

Acabado o espectáculo, na porta
O senhor esperou por nós... por ella,
Quero dizer, — e suspirou tão alto,
Que a atenção provocou de toda a gente!

BENJAMIM, *suspirando.*

Ai!—não sei suspirar de outra maneira!

RAMOS, *aparte.*

Vá suspirar p'r'o diabo que o carregue!

(Alto).

Já na manhan seguinte o seu cavallo
Passava, com o senhor em cima delle,
E nas outras manhans esse passeio
Reproduzido foi ás mesmas horas.
E se á janella minha filha estava
O senhor lhe fazia um cumprimento,
Caracolando com mais graça, e ella
Correspondia ao cumprimento.

BENJAMIM.

Vejo

Que tudo sabe.

RAMOS.

Eu sou bom pae.

BENJAMIM.

De certo.

RAMOS.

Achando no senhor um bom partido,
Para almoçar commigo convidei o,
E, p'ra não parecer que convidava
Um namorado e lhe impingia a filha,
O Cezar Santos...

BENJAMIM.

Onde está?

RAMOS.

Muscou-se.

(Continuando).

O Cezar Santos, que comnosco estava,
Foi tambem convidado. O que eu queria,
Trazendo-o para junto de Ambrosina,
Era fazer com que se approximassem
E se entendessem de uma vez por todas.

BENJAMIM, *erguendo-se.*

Senhor João Ramos, eu não sei quaes sejam
Os sentimentos della a meu respeito,
Porque, se bem que nos approximassemos,
Inda não conversámos um com o outro;
Se ella quizer ser minha esposa amada
E da minha riqueza ter metade,
O mais feliz serei dos namorados;
Se não quizer, o mais inconsolavel.
Inda ha poucos momentos eu gostava
De sua filha pela formosura
Com que a dotou a natureza apenas;
Mas depois que a ouvi, arrebatado,
N'aquelle doce bandolim, que as pedras,
Como a lyra de Orpheu, mover podia,
Sinto aqui dentro uma impressão mais forte!
Isto é amor, não é namoro; isto
E' mais que amor, talvez; paixão, quem sabe?

RAMOS, *erguendo-se.*

Paixão? Não exagere, meu amigo!

BENJAMIM, *idem*.

As paixões, meu senhor, assim começam
O que é preciso para transformar-nos?
Um simples bandolim!

RAMOS.

Antes que as coisas
Vão mais longe, meu caro, é indispensavel
Que sobre um grave assumpto conversemos,
Muito mais positivo e mais...

BENJAMIM.

Permitta
Que o interrompa. Eu sei de que se trata.
Sou rico, sou riquissimo: não quero
Coisa nenhuma. Ella tem dote? Guarde-o!
Nada tenho com isso. O meu dinheiro
De nós ambos será. Divido tudo;
Só não divido o coração, que é della!

RAMOS, *aparte*.
O Lucas enganou-se.

BENJAMIM.

Ella que faça.
Do dote o que quizer. O meu desejo
Era esposar uma donzella pobre...
Dona Ambrosina tem um patrimonio
No nome de seu pae; isso me basta,
Porque dote melhor não ha que a honra,

RAMOS, *enthusiasmado*.

Sim, senhor! Isto é que é falar! Amigo,
Quero apertal-o nos meus braços! Viva!

(*Depois do abraço*).

Mas não é disso que eu tratar queria...

BENJAMIM.

Então fale, senhor! Ordene! Imponha
As condições que desejar, comtanto
Que não me negue a mão de sua filha,
Porque eu não posso mais passar sem ella!
A tudo estou disposto!

RAMOS.

A tudo?

BENJAMIM.

A tudo!

RAMOS.

A trabalhar tambem?

BEJAMIM.

Eu não percebo.

RAMOS.

Vae perceber. Exijo que o meu genro,
Embora seja rico, muito rico,
Tenha um meio de vida; que trabalhe;
Que em qualquer coisa occupe a intelligencia,
E que produza, não consumma apenas.

BENJAMIM.

Aceito a condição. Não tenho geito
Para coisa nenhuma n'esta vida,
Mas estou prompto a trabalhar!

RAMOS.

Devéras?

BENJAMIM.

Faço-me industrial: monto uma fabrica,
Ou lavrador e compro uma fazenda,
Ou negociante e abro uma casa.

RAMOS.

Bravo!

BENJAMIM.

Se o senhor consentir, serei seu socio
Na loja de ferragens.

RAMOS.

Bella ideia!

BENJAMIM.

Ou serei simplesmente seu caixeiro,
E a vida levarei a contar pregos!
Finalmente, disponho-me ao trabalho!

RAMOS.

Trabalhará?

BENJAMIM.

Trabalharei, comtanto
Que não me negue a mão de sua filha,
Porque eu não posso mais passar sem ella!

RAMOS.

Dê-me algum tempo. Vou pensar no caso.

(*Aparte*).

Pois já me não parece tão ridiculo!

BENJAMIM.

Oh! temos muito tempo: este pedido
Não é ainda o official; se o fosse,
Eu seria incorrecto. Ao vir pedir-lhe
Officialmente a mão de sua filha,
Vestirei a casaca e trarei luvas.

(*Vae sentar-se a examinar o album*).

RAMOS, *aparte*.

Voltou a ser ridiculo, coitado!

Scena VIII

JOÃO RAMOS, BENJAMIM FERRAZ, LUCAS, depois AMBROSINA, depois DONA ANGELICA.

(Lucas entra e, admirado de encontrar Benjamin, dirige-se a João Ramos).

LUCAS.

Então elle ficou?

RAMOS.

Meu filho, o resultado
Da experiencia foi o mais inesperado!

LUCAS.

Que me diz o senhor?

RAMOS.

O pobre Benjamin,
Depois que minha filha ouviu ao bandolim,
Deitou paixão violenta, e ao trabalho se arroja!
Até diz que quer ser caixeiro lá na loja!

(Afasta-se e vae para junto de Benjamin).

LUCAS, *aparte.*

Maldito bandolim! desperta uma paixão
Que vae dificultar a minha situação!

(Ambrosina entra e, admirada de encontrar Benjamin, dirige-se a Lucas).

AMBROSINA.

Então elle ficou?

LUCAS.

Menina, o resultado
Da experiencia foi o mais inesperado

AMBROSINA.

Lucas, que estás dizendo?

LUCAS.

O nosso Benjamim...

AMBROSINA.

Acaba! Elle que fez?

LUCAS.

Graças ao bandolim,
Deitou paixão por ti, e ao trabalho se arroja!
Até diz que quer ser caixeiro lá na loja!

(Afasta-se).

AMBROSINA, *aparte.*

Maldito bandolim! Se adivinhasse tal,
Ou eu não tocaria ou tocaria mal!

(Entra dona Angelica e, admirada de encontrar Benjamim, dirige-se a Ambrosina).

ANGELICA.

Então elle ficou?

AMBROSINA.

Mamãe, o resultado,
Da experiencia foi o mais inesperado!

ANGELICA.

Que estás dizendo, filha?

AMBROSINA.

O senhor Benjamim,
Quando me ouviu tocar, deitou paixão por mim!

ANGELICA.

Paixão?

AMBROSINA.

Paixão violenta ! E ao trabalho se arroja !
Até diz que quer ser caixeiro lá na loja !

ANGELICA.

E que intentas fazer ?

AMBROSINA.

Com elle conversar.
Livres do apaixonado havemos de ficar.
Leve papae p'ra dentro e tudo lhe revele...
Diga que o Lucas me ama e que eu sou noiva d'elle.

LUCAS, *descendo entre as duas senhoras.*

Que estão a cochichar ?

AMBROSINA.

Vae lá p'ra dentro, vae !
Lá irá ter mamãe, lá irá ter papae.

LUCAS.

Com elle ficas só ? Vê lá o que vaes fazer !

AMBROSINA.

N'esta combinação não tens que te metter.

(Lucas encolhe os hombros e sae).

Chame papae.

ANGELICA.

O' João, vem cá ; de ti preciso
Na sala de jantar.

RAMOS, *erguendo-se, aparte.*

Oh, que mulher de juízo!
Já tudo comprehendeu... e quer deixal-os sós.

(*A Angelica*).

Lá vou.

(*Angelica sae. — A Ambrosina*).

Um maridão!

(*Sae*).

AMBROSINA.

Pois sim!

(*Olhando para Benjamim*).

Agora nós!...

Scena IX.

BENJAMIM FERRAZ, AMBROSINA.

(*Benjamim está tão entretido com o album, que Ambrosina se approxima delle sem ser presentida*).

AMBROSINA.

Senhor Ferraz?

(*Benjamim estremece, levanta-se e deixa o album*).

BENJAMIM.

Minha senhora?

Ninguem aqui?... Ninguem!... Só nós!...

(*Quer retirar-se*).

AMBROSINA.

Oh! venha cá... não vá-se embora...
Metto-lhe medo?

BENJAMIM.

Estamos sós...

AMBROSINA.

Não é razão para fugir-me.

BENJAMIM.

Mas eu não devo aqui ficar.
Do *savoir-vivre* ás Lis sou firme :
Vou para a sala de jantar.

AMBROSINA.

Espere... Peço-lhe que fique...

BENJAMIM.

Devo, portanto, obedecer.

AMBROSINA.

E' necessario que eu lhe explique...
Tenho uma coisa que dizer.

BENJAMIM.

Tremendo estou! De que se trata?

AMBROSINA.

Dessa... paixão que tem por mim.

BENJAMIM.

Paixão terrível, insensata,
Que devo áquelle bandolim!

AMBROSINA.

Pois bem, senhor: de mim se esqueça...
Não alimente essa paixão...
Busque outra moça que o mereça
E tenha livre o coração!

BENJAMIM.

Porém seu pae, minha senhora...

AMBROSINA.

Só do que é seu póde dispor :
Não quererá impor-me agora
Um casamento sem amor!

BENJAMIM.

Essas palavras, proferidas
Pelos seus labios virginaes,
São crueis armas homicidas!
Não são palavras: são punhaes!

AMBROSINA.

Esta satisfação aceite...

BENJAMIM.

Quem é, senhora, o meu rival?

AMBROSINA.

Lucas, o meu irmão de leite.

BENJAMIM.

Elle?! No entanto...

(*Aparte*).

Então? que tal?

(*Alto*).

Amam-se?

AMBROSINA.

Oh! — desde pequenos!

BENJAMIM, *levando a mão ao peito*.

Data, senhora, esta affeição
De menos tempo...

AMBROSINA.

Muito menos.

BENJAMIM.

Mas não tem menos intensão!

AMBROSINA.

Senhor, não vá ficar magoado.
O *savoir-vivre* assim o quer...
Quem o logar achar tomado,
Outro procure se quizer.

BENJAMIM.

Diz muito bem.

(Vae buscar o chapéo e a bengala).

Oh! fados cegos!
Magoa cruel commigo vae!
E eu estava prompto a contar pregos!
A ser caixeiro de seu pae!

(Limpa uma lagrima).

AMBROSINA.

Outra o comprehenda! outra o console!

BENJAMIM.

Vou viajar, pois só assim
Do peito meu talvez se evole
O ultimo som do bandolim!
— Adeus, ó sonho meu perdido!

AMBROSINA.

Não se despede de meus paes?

BENJAMIM.

Bastantemente despedido
Já estou aqui. Para que mais?
Que Deus a faça venturosa
Hei de a resar pedir a Deus!
Adeus, chimera côr de rosa!
Sonho... illusão... visão, adeus!

(Sae).

AMBROSINA, só.

Pobre rapaz!

Scena X

AMBROSINA, JOÃO RAMOS, LUCAS, D. ANGELICA, depois
o COPEIRO.

RAMOS.

Ambrosina!
Vem cá, filhinha, vem cá!

ANGELICA.

Não assustes a menina!

RAMOS.

O Benjamim onde está?

AMBROSINA.

Deixou-lhe muitas lembranças.

LUCAS.

Foi-se?

AMBROSINA.

Foi... resar por mim.

RAMOS.

Oh, Senhor, estas crianças!
Coitado do Benjamim!

ANGELICA.

Mas tu... tu nada nos dizes?

RAMOS.

Mulher que posso eu dizer?
Felizes, muito felizes
Conto que ambos hão de ser.

(Entre Lucas e Ambrosina).

Mas como nem um momento
Eu me lembrei, filhos meus,
De que era este casamento
Aconselhado por Deus?

Como visse os dois maganos
Crescerem nas minhas mãos,
Durante vinte e dois annos
Considerarei-os irmãos!
Não me entrou na fantasia,
Nem um minuto sequer,
Que dous irmãos algum dia
Fossem marido e mulher!
E eu, tonto, andava á procura
De um genro na multidão,
Sem reparar que a ventura
Tinha ao alcance da mão!

(*Deixando-os*).

A culpa tiveste-a, Lucas!
Não foste franco, — porque?
E vocês, suas malucas,
Tiveram medo, — de que?

LUCAS.

Temiam que o casamento
Não lhe agradasse talvez...

RAMOS.

Se não ha impedimento!
Valha-me Deus, que vocês...!
Que todo o mundo respeite
A suspirada união!
Beberam do mesmo leite?
Pois comam do mesmo pão!

O COPEIRO, *entrando*.

O jantar está na mesa.

RAMOS.

Sim, senhor. Póde sahir,
Mas vá, com toda a presteza,
Essa casaca despir!

(O copeiro sae).

As etiquetas dispenso!
Eu para luxos não dou!

ANGELICA.

Do badejo, que era immenso,
Um bom pedaço ficou.

RAMOS.

Do tal almoço é sobejo:
Manda-o da meza tirar!

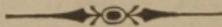
(D. Angelica sae).

LUCAS.

Mal empregado badejo!

RAMOS.

Meus filhos, vamos jantar.

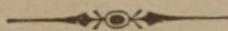


ERRATA

A pags. 56, depois do verso :

Não póde calcular como os dous namorados,
leia-se este outro, que escapou á revisão :

Tão senhores de si, risonhos, confiados,



NO PRÉLO:
O CHRISTO

DRAMA-SACRO EM 6 QUADROS

DE

Charles Grandmougin

TRADUZIDO EM VERSO POR

ARTHUR AZEVEDO

EDITORES: FABIO REIS & C.

75 — RUA DA ASSEMBLÉA — 75

RIO DE JANEIRO